Dois romances separados por décadas.
Uma chance para provar que o amor vale a pena.

Não era pra ser uma história de amor

SARAH ADLER

ARQUEIRO

Para Houston:
Você estava certo; era
para ser este.

Nota sobre o conteúdo

Embora tenha um final feliz e provoque muitas risadas, este livro também contém trechos que abordam assuntos como capacitismo; morte, inclusive de pai ou mãe (no passado, fora da narrativa principal); luto; homofobia; objetificação de garotas e mulheres; e relacionamentos tóxicos. Se algum desses temas for potencialmente sensível para você, leia com cautela.

1

ROSE MCINTYRE NASH MORREU EM PAZ enquanto dormia, aos 98 anos, e agora carrego uma parte dela comigo aonde quer que eu vá. Não estou falando em sentido figurado. Ela está numa caixinha de madeira dentro da minha mochila neste momento. Não ela *toda*, obviamente. Geoffrey Nash não iria entregar a avó inteira para a garota esquisita que morava no quarto vago dela. Mas Geoffrey fez a gentileza de me dar três colheres de sopa das cinzas de Rose (de novo, não é modo de dizer: ele de fato pegou essa quantidade com uma colher medidora na cozinha). Provavelmente não era o pedido que ele estava esperando quando me perguntou se eu queria alguma coisa para me lembrar dela, mas não pareceu se importar muito. Acho que ficou bem aliviado por eu não querer o aparelho de jantar Fiestaware radioativo, considerado um item de colecionador hoje em dia.

Nossa, estou parecendo biruta. Juro que não sou. Sei que é exatamente isso que uma pessoa biruta diria, mas é sério: sou só uma pessoa mais ou menos normal que por acaso está viajando para Key West, na Flórida, com uma pequena quantidade de restos mortais.

Estou contando isso do jeito errado. Deixe-me começar do início.

A Sra. Nash morava no apartamento 1B havia quase setenta anos quando o

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 9 09/08/2023 11:07

meu namorado e eu nos mudamos para o apartamento 1A. Graças à regulação dos preços dos aluguéis em Washington, D. C., ela pagava uns cinco dólares por mês pelo apartamento de dois quartos entre os bairros Dupont Circle e Logan Circle. E ficamos amigas muito rápido, porque eu sou um verdadeiro encanto de pessoa, e ela também era. Assim, quando Geoffrey e o restante da família começaram a se preocupar com o fato de ela morar sozinha, mais ou menos na mesma época em que as coisas com Josh desandaram, eu me mudei para o apartamento da Sra. Nash. Era o arranjo perfeito: Geoffrey me deixava morar lá por praticamente nada; eu só precisava limpar, cozinhar, resolver coisas na rua, acompanhá-la às consultas médicas e cuidar das necessidades gerais da avó dele. Mas o que a Sra. Nash mais queria era amizade, algo que eu oferecia com o maior prazer, já que também precisava disso.

Bem, certo dia, mais ou menos três meses atrás, estávamos na sala de estar: eu deitada no tapete persa com um livro sobre a Guerra de 1812 que estava lendo para o trabalho e a Sra. Nash sentada com os olhos fechados na poltrona esfarrapada preferida dela, com o sol cobrindo como um lençol seu corpo pequeno e rechonchudo. Ela parecia estar cochilando, mas, de repente, os olhos azul-violeta tremularam e ela se sentou mais ereta.

– Millie – disse ela com uma urgência na voz que fez uma descarga de pânico subir pelo meu corpo.

Fiquei aliviada – embora momentaneamente confusa – quando ela continuou:

– Eu quero te contar sobre o amor da minha vida. Nós nos conhecemos durante a guerra. O nome dela era Elsie.

Enfim, essa é a versão ultrarresumida de como eu vim parar aqui, sentada de pernas cruzadas no chão do aeroporto nacional de Washington, esperando para embarcar num avião para Miami com um pouquinho da Sra. Nash na mochila. Tem muito mais história para ser contada, é óbvio, mas neste momento estou distraída demais para fazer isso de maneira adequada – um homem do outro lado do saguão de embarque fica me olhando quando acha que não estou vendo. Como se achasse que me conhece de algum lugar e estivesse tentando descobrir de onde. Isso não é novidade; as pessoas ainda me reconhecem de vez em quando, embora eu não apareça na TV desde que tinha 14 anos. Não vejo problema quando isso acontece, já que sou bastante extrovertida.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 10 09/08/2023 11:07

Em geral, essa situação se desenrola com a pessoa me abordando e dizendo alguma coisa do tipo: "Ei, você não é aquela garota daquela série?" Aí eu respondo: "Se você está se referindo ao seriado infantojuvenil meio problemático do início da década de 2000 sobre a ruiva viajante do tempo e seu companheiro lagarto de computação gráfica malfeita, sim, sou eu. Millicent Watts-Cohen, também conhecida como Penelope Stuart em *Penelope volta ao passado*."

Aí a pessoa diz, meio acanhada: "Isso mesmo. Essa série era incrível, e você estava ótima."

Só que eu sei que a pessoa está mentindo, porque a série era *horrível*. A história que ela ensinava era imprecisa, na melhor das hipóteses, e totalmente ofensiva, na pior. Os efeitos especiais eram péssimos e eu era só um rostinho bonito com uma boa memória, não uma atriz talentosa. Às vezes a pessoa menciona um episódio de *Penelope* e diz que era o preferido dela, mas em geral é uma mescla de dois ou mais episódios ou até de uma série totalmente diferente. Eu nunca me dou ao trabalho de corrigir, apenas sorrio e aceno.

Normalmente concordo em tirar uma selfie quando a pessoa diz: "Ai, meu Deus, meu amigo/irmão/namorado/periquito não vai acreditar!" Até porque isso impede que elas tirem escondido uma foto horrorosa minha comendo uma salsicha empanada alguns minutos depois e também evita os boatos que surgem nos tabloides de dois em dois anos dizendo que eu morri cheirando cola.

É possível que esse cara seja um fã; ele parece ter mais ou menos a minha idade, e pessoas com cerca de 30 anos fazem parte do grupo demográfico em questão. Só que alguma coisa no jeito como ele está me olhando parece familiar. Como se talvez me reconhecesse da vida real.

Acho que também o reconheço. Mas não consigo saber de onde. Será que estudamos juntos? Não na pós – meu programa de mestrado era pequeno e absurdamente fechado –, mas talvez na graduação. Estou folheando um catálogo mental das várias turmas em que estudei ao longo dos anos, na esperança de que ele apareça na minha lembrança de uma delas, quando uma voz masculina interrompe a minha pesquisa:

– Ei, você é…?

Eu me viro e vejo um cara quase afrontosamente musculoso usando uma

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 11 09/08/2023 11:07

regata, uma escolha estranha para um dia que não passou de 18 graus. O cabelo desgrenhado queimado de sol escapa pelo boné de aba reta do Washington Nationals com o adesivo iridescente ainda colado. Os bíceps dele são do tamanho e da cor de um tênder inteiro assado com mel. Ele está usando óculos escuros num dia nublado – em local fechado. Se uma rata de praia e um marombeiro tivessem um filho de 30 e poucos anos, seria esse cara.

Meu "sorriso para fãs" automaticamente gruda no meu rosto quando eu me levanto.

– Penelope Stuart, de *Penelope volta ao passado* – digo. – Sou eu. Millicent Watts-Cohen.

– Uau, achei mesmo que fosse você. Que irado! Mal posso esperar pra contar pro meu amigo Todd. O cara não vai acreditar. – Ele pega o celular e o ergue. – Posso tirar uma selfie?

– Claro – respondo.

Nós nos aproximamos, e ele inclina o celular para enquadrar nossos rostos. A proximidade agride o meu nariz com o aroma de cerveja e uma quantidade excessiva de colônia almiscarada. Mesmo depois de ele tirar algumas fotos e guardar o celular no bolso do short, mantém o sorriso.

– Todd e eu vimos todos os episódios de *Penelope volta ao passado* tipo um milhão de vezes naquela época.

– Que ótimo. É sempre bom ouvir que as pessoas gostavam da série – digo.

– Ah, não, a série em si era meio caída, sem querer ofender.

Meu sorriso desaparece em reação a esse desdobramento surpreendente. Não que eu me sinta ofendida (quero dizer, eu concordo plenamente com ele), mas falas assim não fazem parte do roteiro esperado nesse tipo de interação.

– Você era a garota mais gostosa da nossa idade que a gente já tinha visto. Ainda mais naquele episódio em que a sua família estava de férias no México. Sabe, aquele em que você voltou pra época dos astecas? Estava usando um biquíni amarelo pequenininho e os seus, você sabe…

Não faz isso, eu penso. *Não faz isso.* Mas ele leva as mãos ao peito e apalpa seios invisíveis, depois os imita balançando enquanto corre em câmera lenta sem sair do lugar.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 12 09/08/2023 11:07

– … quando você teve que escapar do sacrifício humano.

Ele ri e me cutuca com o cotovelo.

– Ah, você sabe o que eu quero dizer. Você sabe.

Ai, meu Deus.

Não é que eu não tivesse consciência, até este momento, de que o meu corpo esquisito de 14 anos houvesse estrelado várias fantasias sexuais precoces dos adolescentes. É que a maioria das pessoas mantém essa merda na internet, onde podem dizer coisas nojentas anonimamente, sem esfregá-las na minha cara. Esse é um dos principais motivos para eu não usar redes sociais. Aprendi, muito tempo atrás, que não posso impedir que o mundo me objetifique, mas posso tomar a decisão de proteger o meu cérebro de absorver o que existe de pior nele. Por sorte (e, talvez, de maneira surpreendente), esta é a primeira vez em anos que alguém é tão descarado ao me conhecer. Porém, por mais que eu queira repreender esse babaca pelo que ele disse, estou paralisada e boquiaberta, e infelizmente ele está entendendo isso como um estímulo para continuar vomitando sua sequência de pensamentos repugnantes.

– Uau. Eu tive muitos sonhos com você de biquíni amarelo naqueles tempos, você não faz ideia.

Ele solta outra risada. Meu rosto fica quente com uma combinação horrível de vergonha e fúria.

– Aliás, você continua mandando bem.

O homem levanta os óculos escuros, e os olhos passeiam pelo meu corpo feito um juiz de desfile de cachorros analisando um poodle antes de dar uma olhada mais atenta nos dentes do bichinho.

– *Muito* bem – reforça ele.

Uma mão quente segura o meu ombro, e eu me encolho antes de perceber que o toque está vindo de algum lugar atrás de mim. De alguém que até agora não comentou sobre o estado atual ou passado dos meus peitos e, portanto, é muito bem-vindo na conversa.

– Ah, você está aí – diz uma voz quando a mão solta o meu ombro e desliza pelo meu braço, espalhando um calor estranhamente reconfortante pela minha pele. – Sei que você falou que tinha colocado as informações do hotel na minha mala, mas não consigo achar e preciso do número do telefone. Pode me ajudar aqui?

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 13 09/08/2023 11:07

Olho para o meu salvador enquanto ele me entrega a minha mochilinha de couro e segura a alça da minha mala de rodinhas. É o sujeito de antes, aquele de quem eu me lembrava mas não sabia de onde. Só que, agora que ele está mais perto, vejo suas feições com nitidez: cabelo castanho-escuro, despenteado de um jeito descolado que não dá para saber se é deliberado ou se ele acabou de levantar da cama; pele levemente morena; lábios carnudos, cercados pelo tipo de barba rala que consegue estar sempre presente apesar de não ter nenhuma aspiração de se tornar uma barba de verdade. E eu não me esqueceria desses olhos nem em um milhão de anos – um azul-acinzentado e o outro castanho da cor do conhaque, me encarando por trás de óculos redondos com armação de tartaruga. Tenho certeza de que esses olhos diferentes um do outro já me encararam antes.

– Ah, claro.

Eu abraço a minha mochila – e a Sra. Nash – e murmuro um rápido "Prazer em te conhecer" para o fã, embora não tenha sido nem um pouco prazeroso.

– Desculpa te interromper, cara – diz o meu novo companheiro ao me conduzir para longe. Em seguida, ele acrescenta rápido, como se simplesmente não conseguisse se controlar: – Mas, porra, vê se aprende um pouco sobre limites.

A lembrança se consolida como um vídeo acelerado de um quebra-cabeça sendo montado. O ar gélido do final de setembro no meu rosto, esfriando as minhas lágrimas enquanto elas escorriam pelas minhas bochechas. O barulho do trânsito da cidade que substituiu o falatório do restaurante quando pisei no lado de fora. Uma voz de homem – *deste* homem – saindo das sombras e perguntando: *Ei, você está bem?*

Hollis Hollenbeck. Do grupo de mestrado em belas-artes do meu ex, focado em escrita. Um daqueles amigos eruditos de quem Josh falava e a quem sempre se comparava, mas com quem só me permitia trocar apresentações apressadas e cumprimentos rápidos em festas. Hollis estava lá naquela noite terrível oito meses atrás, encostado na parede de tijolos ao lado da entrada do restaurante, a luz da lamparina antiga suspensa acima dele destacando as cores diferentes dos olhos.

Agora, Hollis me conduz até a fileira de cadeiras em frente aos janelões

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 14 09/08/2023 11:07

enquanto um avião passa pela pista à distância. A bolsa de viagem azul dele está esperando na frente do assento que ele vagou para me salvar. Penso em perguntar se ele não viu nenhum dos mil avisos para jamais deixar malas desacompanhadas num aeroporto, mas, em vez disso, digo:

– Obrigada. Aquilo estava ficando… grosseiro.

Estou grata, é lógico, pela intervenção dele. Mas também não posso ignorar a leve pontada de vergonha nas minhas entranhas, como se parte de mim sentisse que o que aquele cara falou é minha culpa de algum jeito, que eu deveria ter calado a boca dele ou evitado aquilo ou ter conseguido escapar sem a ajuda de Hollis.

– Ficando? O cara já tinha ultrapassado a grosseria e beirava a aberração.

A expressão no rosto dele é quase cômica, o modo como a boca se abre num arco perfeitamente simétrico. Como um cartão-postal do portal de St. Louis.

– Ei, eu te conheço, né? – falo.

Suas sobrancelhas grossas se erguem, questionadoras.

– Conhece?

– Você conhece o Josh Yaeger, certo?

Por algum motivo meu sorriso continua animado e não se afeta com o nome que acabou de sair da minha boca.

– Sim. E você… também conhece o Josh.

Ele não diz isso no sentido: "Uau, isso é muito constrangedor, porque você namorou o meu amigo por três anos e provavelmente estaria noiva dele a esta altura se ele não tivesse traído a sua confiança." É mais tipo: "Imagino que seja por isso que você me conhece, mas não tenho a menor ideia de quem você é." Então talvez ele não estivesse me olhando porque se lembrava de mim, no final das contas.

– Hum. Nós namoramos por um tempo – digo.

– Certo.

– Em setembro… na festa de lançamento do livro do Josh naquele restaurante em Georgetown… você me levou pra casa – explico, na esperança de refrescar a memória dele. – Provavelmente te devo um agradecimento por aquilo também.

– Ah. A gente…? – pergunta ele, acenando com o dedo entre nós dois.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 15 09/08/2023 11:07

– O quê? Não. Você nem subiu, só esperou pra ver se eu tinha entrado no prédio direitinho e foi embora.

– Então você deve ter se confundido. Não é a minha cara fazer isso.

Não entendo o jogo que ele está fazendo, por que está lutando contra a boa impressão que causou em mim.

– Bem, pelo pouco que sei, ajudar uma mulher a sair de uma situação desagradável é muito a sua cara.

– Não mesmo. – Ele balança a cabeça. – Eu nunca faço nada por pura bondade.

– E o que foi aquilo ali um minuto atrás?

– Puro egoísmo. Se eu tivesse que ouvir mais uma palavra sobre os sonhos eróticos daquele cara, um tsunâmi de vômito teria escapado da minha boca e inundado este terminal.

A imagem mental me faz dar risada, mas a expressão dele continua séria.

– Não importa – digo. – Mesmo assim, eu queria te agradecer de algum jeito, por hoje e por aquela noite.

Eu me arrependo imediatamente do convite implícito na minha oferta quando as sobrancelhas dele se erguem de novo, mas ele balança a cabeça.

– Não precisa. Como eu disse, só estava sendo egoísta. Agora, sem querer ser rude, eu fui até lá pra interromper uma conversa, não pra me meter em outra. Então, se me der licença…

Hollis contorna a própria bolsa de viagem e afunda no assento. Ele tira uma caneta preta e um caderninho vermelho em espiral do bolso da frente da bolsa. Pela maneira como se concentra nas páginas enquanto escreve, deixa nítido que não pretende mais me dar atenção. E tudo bem, porque ele está sendo meio babaca.

Fico ali em pé, procurando um lugar no terminal aonde eu possa ir para deixar Hollis sozinho e não dar a entender àquele ser bizarro que quero retomar a conversa. Tem mais ou menos uma dezena de funcionários da companhia aérea reunidos ao redor do balcão (o que, sinceramente, parece um exagero, mas quem sou eu para saber). Talvez, se eu me sentar perto deles, eu possa me misturar ao grupo…

Hollis solta um suspiro pesado e ergue o olhar para mim. Eu o encaro de volta. Ele move os olhos de mim para a cadeira ao lado dele várias vezes, me orientando, sem falar nada, a me sentar e parar de perturbá-lo.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 16 09/08/2023 11:07

Preciso admitir que continuar na pequena bolha de proteção e aparente irritação de Hollis não é um sacrifício. Ainda mais agora que estou sentada ao seu lado e percebo que o cheiro dele é muito bom. Reconfortante. Como a versão aromática de ler meu livro preferido numa poltrona de couro surrada com uma xícara de chá Earl Grey enquanto a chuva tamborila na janela.

– Já que insiste… rolinhos de canela – diz ele abruptamente.

– O quê?

Estou prestes a lhe explicar que, embora sejam deliciosos, eles não se encaixam na vibe da cena que estou imaginando quando ele completa:

– Aceito o pagamento na forma de rolinhos de canela.

Hollis aponta com a cabeça para um quiosque perto do nosso portão.

– Quer que eu compre um rolinho de canela para você?

– Isso. Não… na verdade, dois.

Em resposta à minha sobrancelha erguida, ele diz:

– Ei, foi você que disse que eu te ajudei duas vezes. Sendo assim, dois rolinhos de canela e estamos quites.

Eu reviro os olhos, mas tem um sorriso no meu rosto outra vez. Não sei se uma guloseima por uma boa ação é a taxa de câmbio mais adequada, mas, se é isso que vai fazer Hollis se sentir valorizado, é isso que ele vai receber. Além do mais, não estou botando muita fé nessa encenação de "ah, eu só estava sendo egoísta". Aposto que ele próprio é um rolinho de canela disfarçado – só está escondendo isso por baixo de uma camada grossa de… torrada queimada por algum motivo.

Depois de fazer a compra e pegar o nome do artista que fez a tatuagem de sereia maneiríssima da moça do caixa no caso de eu superar o meu medo de agulhas, volto até Hollis com um monte de guardanapos e uma caixa em cada mão. Ele ainda está sentado em frente aos janelões, com a expressão de alguém que nunca soltaria um muxoxo mas que está sempre pensando em fazer isso.

– Aqui – digo, estendendo as caixas. – Mais uma vez, obrigada.

Mas ele só pega o garfo e um rolinho de canela, deixando o outro na minha mão.

– Mas e o…?

– Eu não gosto de comer sozinho – declara ele, acenando devagar com o garfo na direção do assento ao lado. – Senta.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 17 09/08/2023 11:07

– Hum. Obrigada. – Eu me acomodo na cadeira ao lado dele, depois me levanto num salto. – Ah, mas eu só peguei um…

Hollis me devolve o garfo de plástico preto, se levanta e põe a caixa na cadeira dele. Um minuto depois, volta com outro garfo e se acomoda de novo ao meu lado.

Mais uma vez, fico impressionada com as facetas da personalidade dele. Hollis não é muito simpático, mas é muito *gentil*.

– Meu nome é Millicent – digo, percebendo que ele não deve se lembrar. – A maioria me chama de Millie.

– Millicent. Certo. – Ele enfia o garfo no rolinho de canela. – Meu nome é Hollis. Hollis Hollenbeck.

– Eu sei.

Ele levanta o garfo com um pedaço gigantesco que é quase cobertura pura.

– Saúde – diz ele, mal fazendo contato visual antes de enfiar o pedaço na boca.

Para alguém tão mal-humorado, ele é incrivelmente fofo.

Ficamos em silêncio por um tempo enquanto comemos. Bem, tirando os ocasionais gemidos de satisfação de Hollis. Depois ele me pede um guardanapo, e vejo nisso uma abertura para puxar papo.

– Tá indo pra Miami? – pergunto.

– Aham – responde ele, com a boca cheia.

– A trabalho ou passeio?

– As duas coisas.

Fico achando que isso é tudo que vou conseguir, mas, depois de terminar de mastigar, ele continua:

– Prometi ao meu agente o manuscrito final do meu novo projeto até o fim do próximo mês, mas… hum… ultimamente não tenho conseguido colocar as palavras no papel. Então espero que uma semana… relaxando com a minha… hum… amiga possa acabar com esse bloqueio. Ela já me… ajudou no passado. A relaxar.

Tiro os hums e as pausas até a fala fazer sentido.

– Você está indo até Miami pra um compromisso sexual?

– Eu não usaria essa expressão. – Os olhos dele disparam na minha direção por um instante antes de voltarem para o rolinho. – Mas… sim.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 18 09/08/2023 11:07

– E acha que isso vai curar o seu bloqueio criativo?

Ele deixa o garfo de lado e me dirige toda a sua atenção pela primeira vez desde que nos sentamos. Recebo um olhar demorado e direto o suficiente para perceber que o olho castanho-conhaque não é totalmente castanho, só uns oitenta por cento; tem uma parte azul no topo à direita, como o mar se encontrando com a areia.

– Não é um bloqueio – protesta Hollis. – É uma… pequena obstrução. Nada que uma semana com uma mulher linda numa casa de praia não consiga resolver.

– Bem, espero que seja… satisfatório.

– Obrigado – diz ele, pegando outro pedaço.

Ele faz uma pausa, com os olhos fechados, encontrando muito mais prazer naquilo do que qualquer pessoa encontraria numa comida de aeroporto. Depois, os olhos se abrem, sugerindo que o momento de êxtase chegou ao fim.

– E você? Vai fazer o que em Miami?

– Nada de mais. Vou ficar só uma noite e dirigir até Key West logo cedo na manhã seguinte.

– Férias?

– Não exatamente. Estou indo com uma pessoa – digo.

Hollis olha ao redor do terminal como se quisesse descobrir o paradeiro da minha companheira de viagem.

– Vai se encontrar com ela lá?

– Não, não. A Sra. Nash está morta e dentro da minha mochila.

A parte de mim que deveria ter registrado que isso é uma coisa estranha de se dizer parece ter tirado uma folga. Bem, o negócio já tinha escapado da minha boca, o que eu podia fazer?

Ele quase engasga com a mordida seguinte. Talvez eu devesse ter lhe comprado uma garrafa de água.

– Hum. Eu… sinto muito pela sua perda.

– Obrigada. Tô levando três colheres de sopa das cinzas dela até Key West pra reuni-la com o amor da sua vida. Pra que tenha o “felizes para sempre” que ela merece.

– Ah, sim. Eu mesmo nunca saio de casa sem a minha carteira, as chaves, o celular e uma sacolinha de restos cremados.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 19 09/08/2023 11:07

Olho para ele e vejo que a expressão combina com o tom impassível.

– Isso não está me ajudando em nada, né? Tenho certeza de que o Josh contou pra todo mundo um monte de histórias sobre minhas esquisitices.

– Ah, com certeza. E disse que foi por isso que terminou tudo.

Então Josh anda dizendo que foi ele que terminou comigo. Eu sabia, desde o instante em que o deixei na festa de lançamento do livro, que ele ia distorcer a história desse jeito. Que diria para todo mundo que ele foi a parte ferida, totalmente inocente, e que eu o afastei por ser difícil e esquisita demais. Mas saber que alguém provavelmente está falando de você pelas costas e ouvir que alguém *com certeza* está fazendo isso são coisas diferentes. Josh colocar a culpa do término na minha personalidade em vez de admitir o que fez não deveria me magoar, mas magoa.

– Não que eu acredite muito em nada do que o Josh Yaeger fala – continua Hollis. – Nunca conheci alguém tão cretino. Se ele atropelasse o gatinho de uma criança, ia contar a história como se a verdadeira vítima fosse ele.

– Que jeito estranho de falar do seu amigo – comento, mesmo que suas palavras me levem a crer que ele esteja me vendo com os próprios olhos, e não com as lentes de Josh.

– Eu não diria que somos amigos. Somos mais…

Eu me lembro das coisas que Josh costumava dizer sobre Hollis e a escrita dele. *Não passa de um jornalista gonzo endeusado. Não seria nem aceito num programa de mestrado em belas-artes se o pai não fosse um acadêmico literário importante.*

– Amigos e rivais? – sugiro.

– Conhecidos que competem – retruca ele.

– Hum. Irmãos na aversão.

Hollis revira os olhos.

– Algumas pessoas têm habilidade com as palavras, Millicent, e você parece ser o caso oposto.

Ele provavelmente quis que isso fosse um insulto, mas, por algum motivo, me pareceu um elogio. Algo me diz que Hollis Hollenbeck está relutantemente me achando divertida, e esse é o meu pseudopoder preferido sobre as pessoas. Como seria fazê-lo sorrir? Como um sorriso ficaria nesse rosto bonito mas duro como pedra? Eu adoraria descobrir o que é necessário para isso antes de embarcarmos no voo e nos separarmos.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 20 09/08/2023 11:07

Talvez eu tente uma piada do tipo “toc, toc”.

Uma comoção repentina me distrai dos esforços para me lembrar do final de uma piada que alguém me contou no ônibus na semana passada, porque exclamações e xingamentos tomaram conta de todo o terminal.

– O que está acontecendo? – pergunto a Hollis.

– Não sei… – responde ele, esticando o pescoço para ver mais adiante. – Ah, merda. Voo cancelado.

Por que as pessoas que estão esperando outros voos estão irritadas com o cancelamento do nosso? Espera, não é só o nosso? Olho para trás, checando as janelas, no caso de o tempo ter virado de repente, mas, além de umas poças que sobraram da tempestade de ontem à noite, ainda é um dia seco do fim de maio.

– Por quê? – pergunto, como se Hollis soubesse mais que eu sobre o que está acontecendo.

– Não sei – responde ele um pouco irritado, ainda olhando na direção do painel de chegadas e partidas em frente ao nosso portão. – Mas parece que aconteceu… com a maioria dos voos.

Os funcionários da companhia aérea que estavam reunidos ao redor do balcão se dispersaram e estão de pé como guardas no terminal, preparando-se para a batalha contra um monte de clientes irados. Isso não é um bom sinal.

– *Boa tarde* – diz uma voz feminina pelo sistema de alto-falantes, mas mal dá para ouvir por causa da barulheira. – *O sistema do serviço de compra e reserva de passagens usado por várias companhias aéreas está fora do ar em todo o país. Para sua segurança, os voos afetados vão permanecer em solo até o sistema ser restaurado. Os passageiros devem falar com o serviço de atendimento ao cliente de cada companhia sobre reembolsos e remarcações.*

Outra explosão de barulhos irritados preenche o terminal quando o anúncio é repetido. Hollis joga a caixa vazia de rolinho de canela na lata de lixo perto do assento dele sem tirar os olhos do celular.

Meu coração acelera de ansiedade e examino as minhas opções. Primeira: ficar aqui e esperar que eles resolvam o problema logo ou que eu consiga um assento com uma companhia aérea que não foi afetada. Improvável, já que estamos no feriadão do Memorial Day; já foi difícil conseguir esse voo em cima da hora. Segunda: pegar um trem? Será que esse problema também

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 21 09/08/2023 11:07

afeta as reservas de trem? E quanto tempo dura uma viagem de trem daqui até a Flórida, afinal? Terceira: posso tentar pegar um ônibus. Não sei se tem uma linha direta de Washington até Miami, mas deve ter uma que vai pelo menos um pouco para o sul, e isso já é um progresso. Quarta…

– Que beleza – diz Hollis, batendo as mãos nas coxas e se levantando. – Vou cair fora e pegar a estrada antes que comece um êxodo em massa.

Ele olha para o relógio preto no pulso.

– Talvez eu consiga atravessar a Virgínia até a hora do jantar. Foi bom te ver de novo, Millicent. Boa sorte com esse negócio de transportar a senhora morta.

Hollis e sua bolsa de viagem estão se afastando antes que o meu cérebro consiga terminar de processar as palavras dele.

– Espera!

Pego a minha mochila e a minha mala. Meus passos mais curtos e uma rodinha torta me atrasam, mas acabo conseguindo alcançá-lo alguns portões depois.

– Você tem carro? – consigo dizer, apesar da minha respiração ofegante.

– Tenho.

– E vai dirigindo até Miami?

Eu me esforço para acompanhar o passo dele. Hollis provavelmente tem 1,80 metro, mas eu só tenho 1,55, nos melhores dias. Minhas perninhas curtas precisam dar dois passos a cada passo dele, e o meu corpo não gosta de ser obrigado a fazer exercício aeróbico.

– Não vejo nenhuma outra opção – diz ele. – Não vou desperdiçar o meu tempo limitado de folga esperando as companhias aéreas consertarem a merda delas. De acordo com pessoas do setor de aviação no Twitter, pode levar horas, talvez até dias. E depois ainda ter que lidar com a burocracia de conseguir remarcar a passagem? No fim de semana de um feriado, quando todo mundo está brigando por passagens limitadas? Ah, não, ir de carro com certeza vai ser uma dor de cabeça menor. E vai me dar tempo pra pensar.

– Deixa eu ir com você.

– O quê?

– Deixa eu ir com você – imploro. – Por favor. A gente pode até se revezar no volante.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 22 09/08/2023 11:07

Hollis balança a cabeça.

– Só eu dirijo meu carro.

Pelo que me lembro, Hollis dá aula de inglês numa escola. Ou talvez seja professor numa das faculdades comunitárias da região. Enfim, é alguma coisa que Josh criticava como se fosse inferior, mas que, no fundo, invejava. É pouco provável que Hollis esteja nadando em dinheiro.

– Eu te pago pelo aborrecimento. Me fala o seu preço. Sério, eu estou desesperada pra chegar à Flórida o mais rápido possível.

– Desculpa. Não existem rolinhos de canela suficientes no mundo.

– Uau. *Uau.*

Paro de andar e ponho as mãos nos quadris.

Eu meio que espero que Hollis continue andando, me deixando para trás sem pensar duas vezes, mas ele para e se vira para mim com um suspiro audível.

– Olha, não leva pro lado pessoal, Millicent. Aposto que você é uma companhia agradável. Mas essa viagem tem dois objetivos pra mim: sexo selvagem e inspiração. E, a menos que você possa me dar um desses ou os dois, os benefícios da sua presença dificilmente vão superar o incômodo.

Ele estende a mão e me dá um tapinha na cabeça.

– Desculpa, garota. Boa viagem.

O gesto é tão condescendente que me faz querer pular nas costas dele enquanto se afasta, grudando em Hollis Hollenbeck feito um carrapato e me recusando a sair até ele concordar em me levar. Só que a logística de fazer isso enquanto estou segurando a mochila e a mala é muito complicada, então olho para a placa acima da minha cabeça e sigo a seta que aponta para as locadoras de automóveis.

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 23 09/08/2023 11:07

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

Não era pra ser uma história de amor_304p_novo.indd 304 09/08/2023 11:07